

UFV - UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DCM - Departamento de Comunicação Social
CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Curso de Comunicação Social - Jornalismo

MEMORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM:

**“Nas entrelinhas da imprensa: uma pesquisa sobre o jornalismo
de interior na cidade de Caratinga-MG”**

Viçosa, 2021

**Matheus Aguiar Dornelas
Renoir Oliveira dos Santos**

MEMORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM

“NAS ENTRELINHAS DA IMPRENSA: UMA PESQUISA SOBRE O JORNALISMO DE INTERIOR NA CIDADE DE CARATINGA-MG”

Memorial apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes do Departamento de Comunicação Social da UFV - Universidade Federal de Viçosa, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Sucena Lannes

Viçosa, 2021

AGUIAR, Matheus, Oliveira, Renoir; A história é uma só:
nas Entrelinhas da Imprensa / 2021

Orientador: Joaquim Sucena Lannes

Memorial do livro-reportagem (Graduação)-
Universidade Federal de Viçosa. Centro de Ciências, Humanas,
Letras e Artes, Viçosa, 2021

1. Livro-reportagem. 2. Jornalismo narrativo.
3. História da Imprensa. I. Universidade Federal de Viçosa.
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. II. Título.

Sumário

1 - INTRODUÇÃO	5
2 - OBJETIVO	6
3 - JUSTIFICATIVA	7
3.1 - CARATINGA	9
4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
5 - EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS	14
6. O LIVRO-REPORTAGEM	15
7 - METODOLOGIA	18
8 – CONCLUSÃO	20
BIBLIOGRAFIA:	23

1 - INTRODUÇÃO

A identidade do profissional de jornalismo consiste em uma resultante entre diversas esferas componentes da sociedade, sejam estas científicas, normativas, mercadológicas ou éticas. Isso ilustra como não apenas o objeto desta atividade é o cotidiano, mas que a dinâmica do contexto fundamenta também a atuação destes profissionais. Com efeito, a perseguição pelo fato de interesse público - um notório dogma do ofício - pode ser confundida com um objeto a serviço do interesse privado: o dilema da autocensura dos veículos de comunicação.

Portanto, mesmo que as universidades transmitam paradigmas teóricos e éticos, talvez no primeiro dilema editorial enfrentado, o jornalista poderá se ver desamparado de obter sucesso com argumentos técnicos frente a realidade profissional do mercado. No Brasil, tendo em vista a regulamentação da atividade e dos meios de comunicação em ruínas, esse espelho entre a teoria e a prática é cada vez mais opaco. Sem a devida regulamentação, tanto sobre a capacitação técnica como requisito para a atividade quanto da atuação das empresas, a turbidez tem sido ainda maior.

Nesse sentido, os estudos voltados para a história da imprensa brasileira se apresentam como um campo para muitas descobertas sobre a relação entre a política, a sociedade, as empresas e o jornalismo. Sobretudo, quando se parte da hipótese de que estes se estruturam num fenômeno simbiótico. Além disso, a latente evolução tecnológica que estrutura a atuação dos meios de comunicação demanda novos ares e olhares sobre o estado de liquidificação (CAMPONEZ, 2018) em que a profissão se encontra, seja no sentido epistemológico (princípios técnicos e científicos) ou mesmo deontológico (princípios normativos e éticos).

Em sua pioneira tese de doutorado, José Marques de Melo (1972) fez uma revisão histórica sobre o surgimento da imprensa no Brasil e incentivou esse caminho multidisciplinar a ser percorrido pelos pesquisadores do jornalismo. A partir de sua constatação de que essa atividade moderna não teria surgido durante o período colonial por não ser necessária na época, indica que os estudos na área precisam considerar uma

relação de causalidade entre os fatos ocorridos nas esferas sociais, políticas e econômicas.

Na esteira desses dilemas, a vivência prática é uma experiência pertinente e importante para a constatação de conflitos que elucidem a contradição nesse processo do espelhamento - entre a academia e o mercado de trabalho. E na medida em que as próprias técnicas do jornalismo, transmitidas no cerne da universidade, propiciam a investigação da realidade, interessa aqui fazer uma revisão sistemática de como as teorias se apresentam no dia a dia da redação, a partir de uma experimentação empírica.

Com a finalidade de ajudar estudantes, futuros profissionais e pesquisadores, o presente trabalho pretende aproximar ao máximo de uma reportagem, sem perder, contudo, elementos teóricos apreendidos durante o processo de formação acadêmica. Centrado na formação da imprensa, sua relação com a política e a interpretação da linha editorial, esperamos lançar luz sob contradições e pedras que constituem a ética do jornalismo na prática.

2 - OBJETIVO

Com o propósito de compreender a estrutura midiática e o surgimento dela em um contexto de cidade de menor porte, pretendemos construir e analisar sua história e determinar uma linha do tempo, com relatos e documentos a fim de entender seu surgimento. Nosso objeto de estudo, portanto, é a cidade de Caratinga, que é um município brasileiro no interior do estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país.

O município está localizado na região do Vale do Rio Doce e pertence ao colar metropolitano do Vale do Aço. Faz parte de uma microrregião que compreende outros treze municípios, ficando há 300 quilômetros de distância da capital Belo Horizonte. Sua área de ocupação é de 1 258,479 km², sendo que apenas 15,9 km² estão em área urbana; e sua população em 2020 era de 93.124 habitantes, segundo o IBGE. A cidade tem dez veículos de comunicação, o que despertou o propósito de se usar a cidade como objeto de estudo.

A pretensão do trabalho é construir uma narrativa que contribua, não só para os estudos em Comunicação e Jornalismo, mas que possa ser aproveitado por toda a Ciência Social, por meio das comparações de aspectos específicos analisados pelo estudo da imprensa local. Ou seja, um documento que se transforme em fonte de

pesquisa, ou mesmo, na evidência de afirmações científicas ou históricas (fatos sociais).

Nesse sentido, propomos mapear como surgiu a associação entre jornalismo e política e a sua hereditariedade dos veículos, ao quais, são duas premissas relevantes ao nosso estudo. Aos quais, pretende-se identificar a condição de surgimento dos veículos de imprensa, percebendo seus padrões e divergências entre as linhas editoriais, bem como a relação entre as empresas e os setores políticos. Assumindo, assim, uma atitude crítico-reflexiva sobre os problemas da comunicação na atualidade.

Com efeito, o produto tem a finalidade de ser um material literário, de cunho jornalístico, produzido a partir de entrevistas, que contará com uma revisão bibliográfica e documental. Que, além de ser uma proposta de documentar o surgimento dessas mídias na cidade, possa também contribuir para o campo de estudos da Ciências Sociais e da epistemologia do jornalismo.

3 - JUSTIFICATIVA

A exploração empresarial sobre os jornalistas têm relação direta com a desvalorização da profissão, cujo cenário é um país que sequer exige diploma (há 13 anos) de conhecimento específico para a obtenção do registro. Após a crise do impresso na década de 70, o eminente conflito identitário foi acentuado ainda mais pela revogação dos dispositivos legais que regulamentaram a atividade até 2009

O fato desse assunto ser pouco, ou quase nunca, debatido nos espaços do curso de Jornalismo da UFV, nos despertou curiosidade em conhecer melhor o processo recente de desregulamentação da atividade que advém de dois julgamentos da Suprema Corte¹.

Durante o estudo e por meio de pesquisas em bibliografias relacionadas ao tema, identificamos a importância de compreender de que maneira (ou maneiras) as empresas de comunicação e as instituições políticas alcançaram o patamar quase que intocável de

¹ Em 30 de abril de 2009, por meio da **Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 130**, o Supremo Tribunal Federal (STF) revogaram a Lei Federal 5250 (Lei de Imprensa), sancionada em 1967. Os ministros consideraram que o dispositivo seria incompatível com a Constituição de 1988. Outro julgamento foi o do **Recurso Extraordinário (RE) 511961**, proposto pelo Ministério Público e pelo Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo (SERTESP). Em defesa da liberdade de expressão, os magistrados revogaram a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para atividade profissional proposta pelo Decreto-Lei 972/69. Os autos do julgamento podem ser acessados em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=605643>

determinar os caminhos do jornalismo. Isso não se refere apenas às questões éticas da profissão, mas também quando esses mesmos atores atropelam a vasta literatura epistemológica sobre a atividade e decidem decretar o objeto e as balizas desse ofício milenar.

Ao longo da graduação nos deparamos com uma abordagem multidisciplinar da profissão de jornalista, o que fica evidente com a diversidade de perspectivas científicas que compõem a grade curricular do curso. Nesse sentido, as teorias da Comunicação, bem como as abordagens históricas, jurídicas e sociais são categorias essenciais para a formação e estão fundamentadas nas determinações do Ministério da Educação.

Em contrapartida, a situação prática da atividade no Brasil, é pouco aprofundada na atual conformidade das disciplinas - não há matéria específica sobre ética e apenas uma introdução ao direito que pouco esclarece sobre as liberdades de imprensa e expressão e suas distorções. Talvez os 40% de disciplinas obrigatórias, especificamente voltadas para o jornalismo, não sejam o bastante para abarcar toda a dinâmica estrutural da profissão, cenário que os poucos estudantes decididos a seguir carreira, fatalmente, se defrontaram.

Para Amaral (1999), o jornalismo brasileiro não vive mais na era dos chamados “focas” (profissionais inexperientes), tendo sido superada a dificuldade em se distinguir um editorial e uma matéria assinada; ou uma reportagem de uma matéria paga - um fato de uma opinião. Entretanto, o recente fenômeno das *fake news* indica que esse desafio permanente extravasou as zonas de comando da imprensa. Portanto, o autor que já atuou no *Jornal do Brasil*, afirma que “a manipulação existe.” (AMARAL, H. 1999, p.33)

Além da desvalorização profissional, a posição editorial dos veículos foi e continua sendo para nós um dilema controverso e pouco explorado durante a graduação. A maneira como os empresários definem o que o público deve saber e qual angulação deve ser priorizada, muitas vezes, caminha exatamente na direção oposta ao que dizem os teóricos e às referências éticas. Isso tudo agravado por uma cultura difundida no jornalismo brasileiro em que a imprensa não deve expor seu posicionamento político em função da ‘objetividade’ e faz pior: impede o cidadão de saber os interesses de cada empresa para assim poder fazer seu próprio julgamento de valor.

3.1 - CARATINGA

Entre divergências acerca da origem do nome, a sua relação com a cultura dos povos indígenas que povoaram a região até meados do século XVIII é um consenso. Embora marcas desse passado sejam pouco lembradas na construção urbanística do município.

Caratinga é mais conhecida nacionalmente por artistas como o cartunista Ziraldo e o cantor Agnaldo Timóteo. Mas no jornalismo, a “Cidade das Palmeiras” consegue atingir uma representação significativa no país. Nomes como Ziraldo, Flávio Anselmo, João Pena, Ruy Castro, Maxs Portes e Miriam Leitão, evidenciam a importância desta profissão para a cidade. Simultaneamente, o município também é berço do escritor e pesquisador Hélio Amaral, doutor em comunicação pela UFRJ, tendo assinado diversas publicações científicas, inclusive nos campos da História e da Filosofia.

A imprensa surgiu logo após a criação da cidade, no final do século XIX, com a implantação da Câmara Municipal. O primeiro periódico foi editado justamente pelo legislativo com o objetivo de comunicar à população as ações administrativas. Poucos anos depois, o ‘Combate’ foi lançado por um grupo político de oposição, sendo o primeiro jornal dependente da publicidade privada. Em meados de 1902, Caratinga já contava com pelo menos três veículos impressos, os quais se vinculavam, substancialmente, às instituições políticas e religiosas.

Atualmente, com 92.603 habitantes, Caratinga conta com um número expressivo de meios de comunicação e a cidade já teve um curso de Comunicação Social - Jornalismo em uma faculdade. São quatro emissoras de televisão, entre canais comerciais e institucionais - cada uma delas com pelo menos um telejornal. Existem também cinco jornais impressos e três emissoras de rádio.

Além disso, consideramos relevante tratar também dos novos canais de comunicação, principalmente entre aqueles mediados pelas redes sociais. Nesse caso, encontramos dois representantes desse segmento - ambos atuam em aplicativos e páginas em redes sociais internet - que tem um alcance relativamente grande (em relação à constituição demográfica local) considerando o número de seguidores das páginas e membros em grupos.

A presença de pelo menos dois dos grandes veículos nacionais (*InterTV/Globo* e *TV Alterosa/SBT*) também marca o jornalismo local, representada por repórteres

freelancers (comumente chamados de vídeo repórteres) que realizam a cobertura, essencialmente, de notícias policiais da região.

4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As profissões são construções históricas humanas baseadas numa luta política de afirmação de valores morais e específicos que confluem numa ética possível (RUELLAN, 2004; SOUSA, 2008). Com efeito, para se investigar os processos de afirmação identitária é essencial analisar o contexto histórico e político, a fim de determinar as circunstâncias do encontro entre as expressões técnicas e deontológicas (KARAM, 2004; RUELLAN, 2004; SOUSA, 2008). De tal maneira que a dialética de legitimação dos estudos epistemológicos envolve um movimento de “saltar da ética para a deontologia e desta para aquela, num processo permanente e num quadro de referenciais jornalísticos históricos relacionados à importância social da atividade” (KARAM, 2004:120).

Não existe, portanto, uma única linha de pensamento sobre a gênese do jornalismo. Talvez seja mais coerente buscar convergências entre as teorias ou mesmo delimitar um recorte temporal e espacial da atividade. Em Sousa (2008, p. 44), percebemos evidências de fenômenos pré-jornalísticos, situados principalmente no império romano durante a Idade Média, cujas referências mais relativas ao atual modelo de notícia são encontradas nas *Actas Diurnas*.

Durante aquele período, a atuação do Estado enquanto detentor exclusivo da produção e difusão da informação representa um marco importante para compreender as estruturas de poder que moldam a relação entre o jornalismo e os setores políticos. Tanto as *Actas do Senado* quanto os *Annalis*, objetivavam a produção de uma narrativa histórica a partir de uma visão estritamente oficial dos fatos, uma vez que a ideia de liberdade de imprensa ainda estava há séculos distante de ser defendida.

“Pode, assim, dizer-se que as *Actas* foram, na sua fase áurea, algo parecido com um jornal contemporâneo, embora apenas inserissem notícias mais ou menos autorizadas. Ugo Bellocchi (1974:46) relembra, aliás, sobre o estilo das mesmas, que ‘eram redigidas com frases extremamente simples e concisas, privadas de qualquer amplificação retórica.’” (SOUSA, 2008, p.39)

Somente na Inglaterra do século XVII, em meio a Revolução que motivava as guerras civis na época, é que o ideário liberal da informação começa a surgir, característica fundamental para a consolidação do modelo industrial do jornalismo. Segundo o professor de Ciência Política e Comunicação, Venício Artur de Lima (2010, p. 22), o panfleto *Areopagítica* de John Milton (1644) é um marco pela defesa da liberdade da exposição de ideias², tendo sido redigido num período em que a impressão de textos era limitada a quem adquirisse uma licença diretamente com a Coroa (um caso exemplar de censura prévia) - e a frente veremos que ainda hoje as condicionantes para a plenitude dessa liberdade não estão ao alcance de todos.

O discurso precursor do intelectual, bem como observado em clássicos liberais nos séculos seguintes - cita-se Thomas Jefferson, Paine, John Stuart Mill e Tocqueville - desde então identificaram diferenças entre as liberdades de expressão e de imprensa. Ao contrário da irrefutabilidade com que essa última é defendida hoje, mais de 200 anos atrás, Mill já a tratava com alguma cautela, em vista do poderoso papel de “controle que ela exerce sobre o indivíduo e suas consequências” (LIMA, 2010, p. 48).

Entre esse eminente conflito, resumidamente, entende-se que a liberdade de expressão é um atributo essencial da pessoa, um Direito Humano conquistado que não pode ser propriedade de ninguém (público), ao contrário da liberdade de imprensa, que na prática, pertence a um ou alguns (àqueles que adquirem acesso aos meios de difusão). No caso do Brasil, essa situação é representada pela concessão para os serviços de televisão e de rádio, que de maneira seleta privilegia atores políticos e grandes empresários. De alguma forma, isso evoca a manutenção de uma estratégia observada na Inglaterra do século XVII, quando os jornais já eram “encarados como instrumentos a usar na arena pública e na luta política pelo poder, no quadro de discussões racionais e livres sobre os problemas.” (SOUSA, 2008, p.87)

É importante evidenciar também a contradição entre a legislação atual e a realidade das empresas de comunicação no Brasil. Tratando da comunicação como um Direito Humano, a distorção provocada pela propriedade cruzada e pelo monopólio da mídia³ mais do que afronta à Constituição de 1988. Além disso, as próprias empresas a

² A biografia do intelectual, contudo, não escapa de contradições, uma vez que o próprio defensor da liberdade de impressão de textos viria a se tornar um censor licenciado pela Coroa inglesa.

³ Segundo o Monitoramento da Propriedade da Mídia, **cinco famílias controlam metade dos 50 veículos de comunicação com maior audiência no Brasil**. Informação disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>

reconhecem de maneira parcial quando se sentem atacadas por qualquer tentativa de regulamentação social.

Esse posicionamento ficou evidente durante as revogações da Lei de Imprensa e da obrigatoriedade do diploma de jornalismo pelo STF em 2009. Em ambos os processos a grande imprensa se posicionou favorável à desregulamentação. Desta forma, as empresas acabaram alcançando um status de únicos reguladores da atividade jornalística. Esse processo é chamado de privatização da censura (LIMA, 2010 p.103), quando o Direito à Comunicação passa a ser interpretado não como objeto público, mas sim ao bel prazer da própria empresa e políticos associados.

Desta forma, considerando que a regulação da *mídia* pode se tratar de uma “proteção do jogo democrático” (MARTINO & MARQUES, 2014, p.143), partimos da ideia de uma *função cognitiva do jornalismo*, sendo uma atividade que nasce para “atender às demandas comunicativas de uma sociedade moderna cada vez mais complexa” (GONÇALVES, 2005:29 apud PARK 1955).

Para as análises, adotamos a perspectiva de assimetria ontológica entre imprensa e os públicos (MARTINO & MARQUES, 2014). Doravante, entre os estudos da Escola de Chicago, destacamos o diálogo de Park com Lippmann, “principalmente no que tange às visões sobre o papel e a importância da imprensa na sociedade contemporânea e sua função na formação da opinião pública.” (SILVA, 2016:59). Além disso, as análises pioneiras de Lippmann nos chamam à atenção para fatores ainda preponderantes na imprensa, como as “diferentes modalidades de censura, limitações no contato social, o pouco tempo disponível para se dedicar aos assuntos públicos, distorção de acontecimentos, dificuldade de expressão por meio da linguagem” (SILVA, 2016:59) não deixando de reafirmar a natureza essencialmente humana do jornalismo e suas incapacidades.

Ainda em Lippmann, encontramos uma visão cética sobre o jornalismo. A partir da verificação das limitações econômicas e teleológicas da imprensa, o autor conclui que ela “é demasiadamente frágil para carregar todo o peso da soberania popular e fornecer espontaneamente uma verdade que os democratas gostariam que fosse inata”. (LIPPMANN, 2008 apud SILVA, 2016). Essas preocupações encontram correspondência em Park, que chama a atenção para a lógica do funcionamento dessas instituições, bem como para a predileção por generalidades e sua iminente incapacidade de fomentar discussões sobre determinados temas que alcancem uma variedade de vozes e opiniões (PARK, 1941 apud SILVA, 2016).

Embora Dewey renegue essa passividade dos públicos, o diagnóstico ora referido é também um referencial para suas pesquisas (SILVA, 2016). E, justamente nesse autor, realiza-se um ponto em comum com Park, pertinente para os diálogos sobre a obrigatoriedade do diploma: a valorização da educação, de modo a tornar as notícias (jornalismo) mais próximas das ciências sociais (PARK, 1922 apud SILVA, 2016). Nessa mesma linha, Karam (2004) defende que a atividade jornalística exige “fundamentos epistemológicos, incluindo reflexões de ordem ética, técnica e estética” (2004:129).

Neste panorama, do jornalismo brasileiro, podemos dizer que sem uma ética consolidada, a profissão “circula-se pelo puro arbítrio, pelo palpite, pela ‘festa’ que é a plena subjetividade” (KARAM, 2004:121). Com efeito, tratamos a temática do fim da obrigatoriedade do diploma como uma das “condições específicas” (MARTINO & MARQUES, 2014) para essa performance da imprensa.

Se valendo da linha editorial, os veículos encobrem tudo aquilo que vai contra os interesses da empresa e de seus protegidos. Desta forma, para além dos paradigmas informativos, processos comunicativos e técnicas textuais, a imprensa atua, evidentemente, por conveniência.

“A perspectiva de que o Jornalismo seria espelho da realidade é contraposta à ideia de que, mesmo nos casos onde não há manipulação deliberada que envolva a cobertura de um acontecimento, o jornalista e a empresa acabam optando por enxergar o fato de uma maneira peculiar, a partir de critérios ligados – também, mas não apenas – a códigos e a práticas da atividade. Assim, a ideia de que separar a opinião de uma seção específica do jornal deixaria o texto noticioso “puro” vem sendo criticada ao longo das últimas décadas.” (MARQUES, MONT’ALVERNE, 2015, p. 125)

Fator esse que justifica o posicionamento de veículos como *Globo*, *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo* e *Veja* contra a censura e a ditadura militar, enquanto na época esses mesmos se aproveitaram de conchaves políticas para crescer suas empresas e acobertar fatos da então “ditabranda”. Não é à toa que em 2021 o Brasil é o 111º colocado no ranking mundial de liberdade de imprensa - e a mídia ainda tenta atribuir essa posição exclusivamente às medidas do atual governo.

É necessário, portanto, não abandonar esse debate na academia, uma vez que sem políticas públicas eficazes, o Direito à Comunicação fica refém dos interesses das empresas. Ao contrário do fórum romano e da ágora grega, o espaço público moderno de Habermas - bem como a liberdade de expressão - depende da mediação, muito mais simbólica do que física, por parte da imprensa. Portanto, nunca é o bastante questionar para quem esse direito está sendo direcionado: à pessoa ou à empresa?

5 - EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS

A experiência adquirida durante as disciplinas do curso de Comunicação Social - jornalismo da UFV teve papel fundamental em todos os processos de desenvolvimento do trabalho. Sobretudo àquelas áreas destinadas especificamente à habilitação técnica da graduação. Aos quais devemos destacar:

Narrativas Jornalísticas II, matéria ministrada pelo Prof. O Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva, que foi uma das matérias de cunho teórico e prático, na qual se obteve a vivência aproximada da profissão, pois se praticou matéria jornalística de caráter investigativo. As dificuldades enfrentadas nessa disciplina permitiram gerar uma experiência de impacto positivo, e foi um dos fatores que determinaram nossa proposta de estudo atual.

A COM 353 - *Narrativas Jornalísticas III*, aplicada pelo Prof. Dr. Ernane Corrêa Rabelo, onde produzimos uma grande reportagem e experimentamos uma experiência de imersão a uma matéria jornalística literária. Essa disciplina nos forneceu, além de material de pesquisa e de fonte bibliográfica para nossa atual análise. Nos proporcionou uma forma mais prática de escrever uma grande reportagem jornalística.

Consideramos também a importância da COM 190 - *Metodologia da Pesquisa em Comunicação*, ministrada pelo Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva, disciplina que proporcionou toda a base teórica para as produções de pesquisa dentro da área de comunicação. Além de especificar as regras e os modos de produção.

As disciplinas COM 232 - *Laboratório de Imagem e Produção Gráfica*, COM 360 - *Laboratório de Jornalismo Impresso* deram base a duas principais práticas que vamos usar na nossa proposta de estudo. A Primeira foi apresentada pelo Prof. Felipe Menicucci, ao qual tivemos a chance de criar e editar as mídias digitais e impressas e a obter experiência em programas gráficos. E em Laboratório de Jornalismo Impresso,

ministrada pelo Prof. Dr. Joaquim Sucena Lannes, praticamos o dia a dia da redação, práticas de entrevistas e a produção de um material impresso, além de experiências gráficas.

Além disso, a atuação profissional, na imprensa de Caratinga, permitiu uma percepção antropológica da realidade do jornalismo prático - inclusive no que se refere à dinâmica econômica dos veículos de comunicação. Foi a partir dessa vivência que surgiu a inquietação relativa às distorções entre a teoria e a prática da atividade que vive uma importante crise identitária no Brasil.

6. O LIVRO-REPORTAGEM

A tradição da abordagem objetiva no jornalismo, como se vê hoje expressa em boa parte dos manuais de redação, editoriais e até mesmo na bibliografia amplamente difundida nos cursos de graduação se trata de uma unificação de um modelo norte-americano desenvolvido em meados do século XIX que tomou não apenas as Américas mas também a Europa. Cerca de cem anos depois, na década de 60, também nos Estados Unidos, o *new journalism* trouxe prestígio à uma forma de escrita mais enquadrada na literatura, que se opõe, na prática, ao jornalismo diário ou convencional.

A possibilidade de aprofundar em temas densos, ou mesmo de levar o leitor à uma amplitude maior de fatores que circunscrevem o fato, privilegiou narrativas com aspectos romancistas, mas sem perder a essência da apuração jornalística. Inclusive, a prática da profissão foi uma experiência determinante para o desenvolvimento da escrita de nomes como Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar e Graciliano Ramos.

O professor Edvaldo Pereira Lima, em entrevista⁴ à rádio USP, cita que o jornalismo contemporâneo, tanto no Brasil quanto no exterior, vive uma fase muito crítica de transformação: “porque as bases que dão a sustentação ao que é o jornalismo na sociedade estão passando por uma crise de transformação enorme, já que os modelos que forjaram as civilizações tal como conhecemos hoje estão falindo.”

⁴ Edvaldo Pereira Lima é jornalista, doutor em Comunicação pela USP e criador do método Escrita Total e do Jornalismo Literário Avançado. Em 2019, concedeu entrevista à Rádio USP-FM, na qual falou sobre os desafios para a profissão atualmente e também sobre seu trabalho acadêmico. Áudio disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/jornalismo-literario-livro-reportagem-e-identidades-em-destaque-no-diversidade-em-ciencia/>

No caso específico do Brasil, o autor do livro *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, defende que a prática diária da profissão perdeu o rumo da história porque a forma como esse jornalismo tenta reproduzir o real está completamente ultrapassada.

Utilizamos ainda o perfil jornalístico, que servirá para podermos traçar uma linha temporal sobre o assunto. É uma técnica que segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, no livro *Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística* (1986, p. 126) explicam que: “significa dar enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista da história: sua própria vida”.

Portanto, a forma que queremos levantar por meio desse método é formar uma narrativa mais humanizada, contudo, usando entrevistas feitas pelo repórter a fim de ser produzido o texto de forma linear o fato, como explica SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15:

A humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele ‘que está presente’, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação.

Para determinar uma forma de melhor aplicar a pesquisa escolhemos, já tratado acima, o livro-reportagem, ao qual usaremos o perfil jornalístico para podermos traçar uma linha temporal sobre o assunto. Técnica que segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, no livro *Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística* (1986, p. 126) explicam que: “significa dar enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista da história: sua própria vida”.

Portanto, a forma que queremos levantar por meio desse método é formar uma narrativa mais humanizada, contudo, usando entrevistas feitas pelo repórter a fim de ser produzido o texto de forma linear o fato, como explicam Sodré e Ferrari (1986, p.15):

A humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas

também participa dos fatos. O repórter é aquele ‘que está presente’, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação.

Usando como base o perfil, temos como levantar dados que, por meio desses personagens, tratam-se de relatos e momentos que não foram registrados em documentos e aplicá-los de forma a legitimar suas falas e identificar esses atores dentro de seu meio profissional e social. Cremilda Medina, fundamental pesquisadora da humanização das práticas jornalísticas, reforça contudo que o ato desse tipo de formato, dessa forma mais humanizada, gera um compromisso das mesmas com a cidadania.

Legibilidade, identificação com anônimos e histórias de vida, rejeição às cargas conceituais e estáticas, e preferência pela informação humanizada, exemplificada na vida cotidiana e pelos heróis da aventura contemporânea, fazem o universo social estar presente dentro dela. (MEDINA, 2002, p.63)

Contudo essas narrativas trazem à tona o nosso principal e fundamental recorte, contendo como base o conceito de cotidiano. Aquele que ainda não está completo, mas em plena construção. Devemos pensar nele na sua validade como ambientação histórica, não só como o saber do tempo presente, do corriqueiro, do dia a dia. Com isto pretendemos traçar uma linha histórica, por meio dos relatos e de documentos, de uma narrativa histórica do surgimento das mídias jornalísticas na cidade de Caratinga, Minas Gerais. Partindo do pensamento de José Machado Pais (2001, p. 72):

A vida cotidiana não se constitui num objeto unificado por qualquer sistema conceptual e teórico corrente e próprio, embora seja um termo que se tem imposto, orientando reivindicações, atitudes, discursos. Por outro lado, o cotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam.

7 - METODOLOGIA

Após um levantamento das empresas que trabalham com jornalismo na cidade, iniciamos a programação e realização de entrevistas com representantes de cada um dos veículos, sendo, preferencialmente, um representante da direção da empresa ou um cargo mais ligado à coordenação e/ou chefia de jornalismo. As perguntas foram relativas à trajetória profissional das personagens (de caráter biográfico), a história dos veículos em que trabalham, envolvendo questões administrativas, políticas, comerciais e editoriais.

Inicialmente, a relação de fontes prioritárias é a seguinte: “*Sistema Caratinga de Comunicação (SISTEC)*”: Humberto Salustiano (presidente); “*Super Canal*”: Raquel Borsari (editora-chefe); “*Doctum TV*”: Regiane Pires (diretora de jornalismo); “*UNEC TV*”: Solange Araújo (editora chefe); “*Rádio Cidade*”: Graziela Angelo (editora-chefe); “*Rádio Caratinga*”: Kléber do Val (editor-chefe); “*A Semana*”: Carlos Roberto Carraro (diretor-executivo); “*Diário de Caratinga*”: José Horta (editor-chefe); “*Polícia 24h - Leste Minas*”: Elzo Soares (proprietário); e Hélio Amaral (jornalista, professor e pesquisador em Comunicação).

Paralelamente, foram realizadas conversas informais com pessoas que conhecem essa história ou mesmo que tem alguma relação com os veículos de imprensa do município. Ainda, houveram consultas ao acervo de jornais na biblioteca do Instituto Hélio Amaral, que ajudaram a constituir a história da atividade em Caratinga desde seu surgimento, no final do século XIX. Contudo, essa parte da pesquisa se limitou às restrições de conservação e disponibilidade do material mais antigo.

A produção das entrevistas, o trabalho de decupagem foi feito demarcando o tempo de cada pergunta e relato. Foi utilizada a ferramenta no site <https://otranscribe.com/> que auxiliou de forma objetiva em um formato dinâmico a formatação e a datilografia do texto. O texto foi, posteriormente, editado no Microsoft Word e para a comunicação e transferência do trabalho usamos o Google Docs.

Transformamos a escrita do texto base em terceira pessoa do singular, para assim relatar de forma mais objetiva e realçar as características do livro e na criação desses perfis jornalísticos. Por fim, por meio dos documentos previamente pesquisados, traçar a linha temporal desses relatos e documentos a fim de determinar sua trajetória.

Para a edição do livro, tentamos sintetizar todo o material pesquisado em associação às entrevistas biográficas com as fontes definidas para o trabalho. A divisão dos capítulos se deu da seguinte forma:

1. ***Bacuraus e Caranguejos***: história da criação de Caratinga e como sucedeu a formação da imprensa na cidade - do fim do Século XIX até os dias atuais.
2. ***“Caratinga é um estado de espírito.”***: história do *Sistema Caratinga de Comunicação*, contando com entrevistas de Humberto Luiz Salustiano Costa - presidente do veículo.
3. ***“A imprensa trocou o jornalismo pela militância política.”***: história de Kleber Kleber Silva do Val - radialista e editorialista do Sistec.
4. ***“A imprensa trocou o jornalismo pela militância política.”***: trajetória profissional do jornalista Sylvio Abreu na imprensa carioca até a fundação de seu jornal após o retorno à Caratinga.
5. ***“A notícia não tem cor.”***: entrevista com Carlos Carraro, empresário e diretor de um jornal vinculado, desde seu surgimento, a correntes políticas da cidade.
6. ***“O editor separa o joio do trigo; e publica o joio”***: uma narrativa biográfica sobre o editor-chefe do periódico, José Horta, que conta ainda a história do único jornal diário da cidade desde 1995.
7. ***“O jornalismo nunca se pagou.”***: relato de uma profissional, que assim como este veículo, foi formada no *Sistema Caratinga de Comunicação*. Graziela Angelo ainda teve uma experiência como professora de jornalismo em uma faculdade de Caratinga.
8. ***“O jornalismo não está nos livros.”***: a história de um veículo precursor no sistema de televisão à cabo na cidade, contado pela jornalista Raquel Borsari - atual chefe de jornalismo e apresentadora do telejornal da emissora.
9. ***“A comunicação do interior está nas redes sociais.”***: o capítulo narra a trajetória da criação do primeiro canal de televisão universitário de Caratinga, vinculado a uma instituição superior que já ofereceu o curso de Comunicação Social na cidade. A história é contada pela diretora de jornalismo da emissora, Regiane Pires.
10. ***“As assessorias constroem os jornais.”***: nesta entrevista, Solange Araújo relata suas passagens no *Sistema Caratinga de Comunicação e Diário de Caratinga*

até chegar na assessoria da instituição de ensino *FUNEC*, e lá criar o canal de televisão da faculdade.

11. **Considerações:** após as entrevistas, revisões bibliográficas e pesquisa sobre a imprensa e sua relação com a história de Caratinga, destacamos questões pertinentes ao estudo do jornalismo no interior.

Após a conclusão do livro reportagem, foi obtivo documentos que foram retidos durante o período de pandemia causado pela Covid-19⁵ e outras informações que serão inclusas em uma edição ampliada.

A revisão ortográfica foi feita por Prof. Joaquim Lannes, professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Após revisões e correções, o produto foi finalmente enviado aos membros da banca examinadora no dia 25 de outubro de 2021. O livro terá 118 páginas e no formato A5, ou seja, 15x21cm. A capa será produzida por Renoir Oliveira e utilizaremos as fontes Swiss Swiss721 com o tamanho 14 nos títulos e Times New Roman no texto com tamanho 12 e espaçamento 1.

8 – CONCLUSÃO

A partir dos relatos e da apuração histórica dos veículos de imprensa da cidade, pudemos constatar diferentes percepções editoriais e, principalmente, construções identitárias diversas. Embora todos os veículos tenham surgido, boletim, de uma experiência amadora, uma sequência de decisões políticas e torneiras possíveis a partir desses veículos. À frente, consideramos ainda a importância das evoluções tecnológicas - tanto gráficas quanto técnicas - que consolidaram o jornalismo praticado no interior.

Por se tratar de uma cidade localizada no interior, as mudanças globais na profissão demoraram algum tempo para chegar a Caratinga, mas, nem por isso, foram menos cruéis. O enxugamento das redações se tornado uma realidade estrutural, tanto

⁵ A *Coronavirus Disease 2019* (Doença por Coronavírus 2019) é uma infecção causada pelo vírus *SARS-CoV-2* (síndrome respiratória aguda grave). A *Organização Mundial de Saúde (OMS)* indica que o primeiro caso foi registrado em dezembro de 2019 na China. Em janeiro do ano seguinte já haviam contaminados na Europa e Estados Unidos, enquanto o primeiro registro brasileiro foi no mês de fevereiro. Em 11 de março de 2020, a *OMS* declarou que se tratava de uma pandemia (epidemia mundial). Após um ano e meio, foram registradas quase 5 milhões de mortes no mundo e mais de 600 mil no Brasil.

pela inserção de novas tecnologias, quanto pela desvalorização da atividade - todos os veículos da cidade tem uma média de quatro jornalistas e apenas nas emissoras universitárias dos profissionais são, exclusivamente, graduados.

Enquanto isso ascende os jornais fabricados a partir de lançamentos das assessorias de imprensa. Com as redações cada vez menores e os jornalistas acumulando funções, se tornado - não cômodo - mas, apenas viável, trabalhar desta forma. Nesse sentido, comparar as capas dos impressos, as manchetes dos telejornais e os boletins radiofônicos da imprensa de Caratinga, passou a ser um exercício redundante.

Desde a primeira metade do século XX, a preocupação com o poder político da comunicação de massa é uma constante, principalmente entre os países democráticos. (WRIGHT, C. 1973). Esse quadro parece não ter mudado. Entre todos os entrevistados, prevaleceu a opinião de que o jornalismo brasileiro está em crise por conta de uma polarização política que dominou uma imprensa - até aquela que há um tempo público se escondia da opinião sobre o cálice da isenção. Ressalta-se que, em Caratinga, fora do circuito diverso de veículos de comunicação, a presença de políticos importantes que existe surgiram desta área profissional. Além de Humberto Salustiano e Eurico Gade, citamos Dênio Moreira (radialista e deputado estadual entre 1967-1987) e Cleon Coelho (radialista e vereador no quarto mandato consecutivo). Ainda, evidencia-se que a relação intermediada entre jornalismo e política, no Brasil, apenas fez bem para os empresários da comunicação. O “apoio, voluntário ou não, dado pela imprensa” (CHAMPAGNE, P. 1996, p.220) resultou no fim da realização dos veículos de comunicação, na extinção da obrigatoriedade do diploma, em um acúmulo de funções do profissional - não acompanhada pelo, salário e, principalmente, de uma desvalorização institucional e social em que - mesmo a partir da influência neoliberal - se crê cada vez menos na liberdade de expressão.

Produzir esse trabalho de conclusão de curso durante a pandemia de coronavírus não foi nada fácil. Buscamos obter as informações de formas objetivas e se adequar ao momento vivido. Foram noites sem dormir e com várias reuniões em se produzir um material de qualidade. O último ano para ambos foram de vários desafios e de dificuldades não só para a obtenção das entrevistas e dos documentos como também na vida pessoal. Concluir esse trabalho em forma remota foi inclusive algo que transformou nossas vidas e gerou uma experiência única.

Durante todo o processo tanto nosso trabalho de equipe como o auxílio dos professores foram fundamentais no apoio moral, principalmente com os problemas pessoais vividos por cada um. Esse período foi desafiador, mas muito importante tanto para o nosso vida acadêmica como para o pessoal. O fato de o livro ser uma busca de um levantamento histórico, incluindo o presente momento vivido pelo jornalismo, trouxe esse ponto positivo para o produto que o torna inédito. Consideramos também que esse projeto experimental foi uma grande oportunidade, pois, com os nossos conhecimentos acadêmicos e pessoais adquiridos, produzimos um material de cunho reflexivo e histórico para futuras pesquisas do meio e para a região da cidade de Caratinga.

E por fim, chegamos à conclusão de curso e encerrando nossas trajetórias no curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Esperamos que esse livro reportagem seja utilizado em futuras pesquisas de jornalismo e debatido em salas de aula, pois a proposta é ser um material que vá além de uma conclusão de curso. Toda essa jornada no curso, para ambos, foi gratificante, porque proporcionou experiências, tanto acadêmicas e pessoais. As amizades obtidas e tudo que foi experimentado vai ser, com certeza, levados para o resto de nossas vidas.

BIBLIOGRAFIA:

AMARAL, Jordana S. do; MACHADO, Deborah da S. **Mídia, monopólio e democracia: um estudo sobre a monopolização da mídia no Brasil e porque isso pode ser uma ameaça à democracia.** Revista Eletrônica Direito & Política, UNIVALI. Santa Catarina, v.13, n.2, p.633-665, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.14210/rdp.v13n2.p633-665>> (acesso em 20/03/2021)

BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm (acesso em 02/05/2021)

CAMPONEZ, C. (2018). **Novas responsabilidades do jornalismo face à liquidificação da profissão: fundamentos normativos, valores, formação.** Media & Jornalismo. Portugal, vol.18, n.32, p.19-30, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_2 (acesso em 02/05/2021)

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo político.** Editora Vozes, 1ª ed., p. 291. Rio de Janeiro, 1996

COUTO, Jorge Luiz. **Revolução de 30 em Caratinga e Santana do Imbé: uma história de jagunços e coronéis.** Editora Haikai, 1ª ed. p.176. São Paulo, 2018.

GONÇALVES, Elias M. **O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo.** Estudos em Jornalismo e Mídia, UFSC. Santa Catarina, v.2, n.1, p.23-34, jan-jun., 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2206>> (acesso em 12/05/2021)

HABERMAS, J. **Mudança Estrutural da Esfera Pública.** Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1984.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Cidade de Caratinga. <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/caratinga/panorama>> (acesso em 02/07/2021)

IBGE. **População estimada de Caratinga.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/caratinga.html> (acesso em 08/05/2021)

KARAM, Francisco J. C. **Ética, deontologia, formação e profissão: observações sobre o Jornalismo.** Estudos em Jornalismo e Mídia, UFSC. Santa Catarina, v.1, n.1, p.118-130, jan-jun., 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2206>> (acesso em 12/05/2021)

LIMA, V. **Liberdade de expressão x Liberdade de imprensa: Direito à comunicação e democracia.** Publisher Brasil. São Paulo, p.160, 1ª ed. 2010

LIMA, E. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Editora Manole. Barueri, p.486, 4ªed. 2008

_____ **O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, vol.23, n.4, p.ID25024, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.25024> (acesso em 18/04/2021)

MARQUES, F. MONT'ALVERNE, C. **A opinião da empresa no Jornalismo brasileiro: Um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Santa Catarina, vol.12, n.1, p.121-137, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2015v12n1p121> (acesso em 08/05/2021)

MARQUES, Ângela C. S.; MARTINO, Luis M. S. **Ética e teorias da comunicação: poder, interações e cultura participativa**. Comunicação e Sociedade, [S. l.], v. 25, p. 138-153, 2014. Disponível em: <[https://doi.org/10.17231/comsoc.25\(2014\).1865](https://doi.org/10.17231/comsoc.25(2014).1865)> (acesso em 02/08/2021)

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: um diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**, que Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1424_2-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192 (acesso em 08/05/2021)

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRA. **Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa**, 2021. Disponível em: https://rsf.org/pt/classificacao_dados (acesso em 09/05/2021)

SILVA, Daniel R. **John Dewey, Walter Lippmann e Robert E. Park: diálogos sobre públicos, opinião pública e a importância da imprensa**. Fronteiras - Estudos Midiáticos, Unisinos. Rio Grande do Sul, v.18 n.1, p.57-68, jan-abr. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.4013/fem.2016.181.06> > (acesso em 06/08/2021)

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, J. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Portugal, p. 284. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> (acesso em 02/05/2021)

SOUZA, Walber Gonçalves de. **Caratinga, a cidade das Palmeiras e muito mais...** Editora Caratinga, 1ª ed. p.18. Caratinga, 2005

WRIGHT, Charles R. **Comunicação de Massa**. Edições Bloch, 2a ed., p.134. Rio de Janeiro, 1973